



Kwame

# NIKRU MAH

Discursos  
pan-africanistas

expressão  
POPULAR

**KWAME NKRUMAH**  
**DISCURSOS PAN-AFRICANISTAS**

SÉRIE MARXISMO DO TERCEIRO MUNDO,

editada por  
Vijay Prashad,  
Mikaela Nhondo Erskog  
e Miguel Yoshida

Ruth First, *Ruth First e a luta  
contra o apartheid sul-africano*  
Thomas Sankara, *Discursos da revolução*  
Amílcar Cabral, *Discursos anticoloniais*

# KWAME NKRUMAH

## DISCURSOS PAN-AFRICANISTAS

ORGANIZAÇÃO DE  
EFEMIA CHELA E  
VIJAY PRASHAD

TRADUÇÃO DE  
LETÍCIA BERGAMINI SOUTO

1ª edição  
Expressão Popular  
São Paulo – 2025

Copyright © 2025, by Expressão Popular Ltda.

Título original: *The Revolutionary Thoughts of Kwame Nkrumah* (Joanesburgo, África do Sul: Inkani Books, 2024)

Organização: Efemia Chela e Vijay Prashad

Produção editorial: Lia Urbini

Tradução: Letícia Bergamini Souto

Revisão da tradução: Marcos Visnadi

Preparação: Lia Urbini

Projeto gráfico e diagramação: Zap Design

Capa: Rhuan Oliveira

Impressão e acabamento: Paym

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

K98 Kwame Nkrumah: discursos pan-africanistas / organização de Efemia Chela e Vijay Prashad; tradução de Letícia Bergamini. – 1. ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2025.  
352 p. : il.

ISBN 978-65-5891-170-8

Título original: *The Revolutionary Thoughts of Kwame Nkrumah*.

1. Pan-africanismo. 2. Colonialismo – África. 3. Neocolonialismo – África. 4. Discursos políticos africanos. I. Chela, Efemia. II. Prashad, Vijay. III. Bergamini, Letícia. IV. Título.

CDU: 323.1(6)

325.3(6)

CDD: 323.0960

Bibliotecária: Eliane Maria da Silva Jovanovich - CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: abril de 2025

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Alameda Nothmann, 806

Sala 06 e 08 – CEP 01216-001 – Campos Elíseos-SP

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 ed.expressaopopular

 editoraexpressaopopular

# Sumário

Siglas e abreviações.....	9
Kwame Nkrumah e o Brasil: breve nota editorial..... <i>Lia Urbini</i>	11
Cronologia.....	17
Prefácio..... <i>Professor Francis Nkrumah</i>	27
Aquele que não podia ser contrariado: uma introdução..... <i>Vijay Prashad</i>	31
O que quero dizer com “ação positiva” (1949).....	59
A Moção do Destino (1953) .....	65
Discurso à meia-noite sobre a Independência de Gana, 6 de março de 1957 .....	91
Pronunciamento à nação ao amanhecer: Osagyefo convoca o fim do egoísmo (1961).....	93
Rumo ao nosso objetivo (1962) .....	105
Liberdade antes de tudo (1963).....	119
Rumo à unidade africana (1963) .....	127
Um governo continental para a África (1963).....	139
Carta da Organização da Unidade Africana (OUA) Adis Abeba, 25 de maio de 1963, seguida do Discurso na Conferência dos Chefes de Estado e Governo Africanos, 24 de maio de 1963 .....	149
Discurso proferido na Conferência de Cúpula da Organização da Unidade Africana (OUA) Cairo, 19 de julho de 1964 .....	177

Sociedade e ideologia (1964).....	207
Obstáculos ao progresso econômico (1965) .....	235
Os mecanismos do neocolonialismo (1965) .....	263
Mensagem de Conacri, 6 de março de 1966 .....	283
Socialismo africano revisitado (1967).....	287
De Beijing a Conacri (1968) .....	297
24 de fevereiro de 1966 (1968).....	309
A grande mentira (1968).....	325





# Siglas e abreviações

AALC – Africa-American Labour Centre (Centro de Trabalho Africano e Americano)

Aatuf – All-African Trade Union Federation (Federação de Sindicatos de Toda a África)

ADA – Rassemblement Democratic Africain – RDA (Assembleia Democrática Africana)

AFL-CIO – American Federation of Labour and Congress of Industrial Organisations (Federação Americana do Trabalho e Congresso de Organizações Industriais)

CEA – Economic Commission for Africa – ECA (Comissão Econômica para a África)

CIA – Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos)

CISL – International Confederation of Free Trade Unions – ICFTU (Confederação Internacional de Sindicatos Livres)

DSAI – International African Service Bureau – IASB (Departamento de Serviços Africanos Internacionais)

FAO – Food and Agriculture Organisation (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura)

FMS – World Federation of Trade Unions (Federação Mundial dos Sindicatos)

GNTC – Ghana National Trading Corporation (Empresa Nacional de Comércio de Gana)

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

NLC – National Liberation Council (Conselho de Libertação Nacional)

OIT – International Labour Organisation – ILO (Organização Internacional do Trabalho)

ONU – United Nations (Organização das Nações Unidas)

Otan – North American Treaty Organisation – NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte)

OUA – Organisation of African Unity – OAU (Organização da Unidade Africana)

PCP – Convention People's Party – PCP (Partido da Convenção do Povo)

RMA – Moral Re-Armament – MRA (Rearmamento Moral)

TUC – Trades Union Congress (Congresso dos Sindicatos)

UGCC – United Gold Coast Convention (Convenção Unida da Costa do Ouro)

UGFC – United Ghana Farmers' Council (Conselho Unificado de Agricultores de Gana)

UNCTAD – United Nations Conference on Trade and Development (Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento)

UPA – União das Populações de Angola

USIA – United States Information Agency (Agência de Informação dos Estados Unidos)

# Kwame Nkrumah e o Brasil: breve nota editorial

**K**wame Nkrumah, a quarta liderança africana homenageada de nossa série *Marxismo do Terceiro Mundo*,<sup>1</sup> a despeito de tudo o que realizou, ainda é uma personalidade consideravelmente pouco traduzida para o português.<sup>2</sup> Formado em Teologia, com mestrado em Educação e em Filosofia e doutorado em Direito por universidades estadunidenses, Nkrumah entrou para a história por seu destacado papel na independência de seu país, a antiga colônia britânica conhecida como Costa do Ouro, que passou a se chamar Gana a partir de 1957.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Antes desse título, publicamos *Ruth First e a luta contra o apartheid sul-africano* (agosto de 2023); *Thomas Sankara: discursos da revolução* (novembro de 2023); e *Amílcar Cabral: discursos anticoloniais* (maio de 2024).

<sup>2</sup> No Brasil, é possível encontrar os seguintes textos de Nkrumah: *Rumo à libertação colonial: teoria e prática de Kwame Nkrumah*, publicado em 2022 pela Editora Ciências Revolucionárias, que inclui a tradução de *Consciencism: Philosophy and Ideology for De-Colonisation* e *Towards Colonial Freedom: Africa in the Struggle against World Neocolonialism: último estágio do imperialismo*, [esgotado], publicado pela Civilização Brasileira em 1967; e *Luta de classes em África*, publicado pela Edições Nova Cultura, em 2018. Em relação aos textos curtos, *Eu falo de liberdade* [*I Speak of Freedom: A Statement of African Ideology*] e *O socialismo africano revisitado* [*African Socialism Revisited*] foram publicados na coletânea *Revolução africana: uma antologia do pensamento marxista*, organizada por Jones Manoel e Gabriel Landi e publicada pela Autonomia Literária em 2020.

<sup>3</sup> A título de contextualização, importa frisar que a Inglaterra figura historicamente como o país europeu que manteve o maior número de colônias no

Além de ter uma profícua produção intelectual, construiu o partido responsável por tornar Gana o primeiro país da África Subsaariana a se libertar do domínio colonial, e atuou como seu primeiro presidente até sofrer um golpe que o destituiu, em 1966. Dali em diante, foi copresidente da República da Guiné (ex-colônia francesa tornada independente em 1958), a convite de seu companheiro pan-africanista Sékou Touré, até que sua saúde foi sendo comprometida, vindo a falecer em 1972.

Tais credenciais já parecem suficientes para justificar os estudos sobre a vida de Kwame Nkrumah em qualquer lugar do mundo. No entanto, como brasileiros, temos algumas camadas a mais de vínculo com a história de Gana, desde ao menos o período do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas, quando a Costa do Ouro foi um dos principais pontos de origem de africanos levados à força para o Brasil. Sendo o país das Américas que recebeu o maior número de pessoas africanas escravizadas durante quase quatro séculos de escravidão (em torno de quatro milhões de pessoas, mais de um terço de escravizados que deixaram a África), o Brasil tem expressivo número de habitantes cujas raízes remontam a essa região.

Além disso, a história de Gana é um exemplo de resiliência e liderança para a América Latina e Caribe. Considerando os desafios comuns de ex-colônias europeias na história contemporânea,

---

continente africano, seguido pela França e Portugal. Diversos países africanos estiveram sob domínio colonial britânico, seja como colônias diretas, protetorados ou territórios administrados indiretamente. São eles: África do Sul; Botsuana (antigo Protetorado de Bechuanalândia); Egito; Sudão; Essuatini (antiga Suazilândia); Gâmbia; Lesoto (antigo Protetorado da Basutolândia); Malawi (antiga Niassalândia); Nigéria; Quênia; Serra Leoa; Somália (parte norte, Somalilândia Britânica); Tanzânia (antigas Tanganica e Zanzibar); Uganda; Zâmbia (antiga Rodésia do Norte); Zimbábue (antiga Rodésia do Sul); além dos territórios Camarões Britânicos (parte dos Camarões sob mandato britânico após a Primeira Guerra Mundial); Ilhas Maurício e Ilhas Seychelles.

Kwame Nkrumah atuou intensamente no movimento de libertação africana, lutando em prol da unidade do continente e pelo fim da exploração colonial. Sua aspiração pelo que chamava de “África unida” conversa com os desafios que os países latino-americanos e caribenhos enfrentam, especialmente sob o neoliberalismo, ao tentar superar suas diferenças e construir plataformas comuns pela soberania, a autodeterminação e o internacionalismo.

Consideramos que os êxitos e equívocos de lideranças de esquerda sempre são mais bem compreendidos quando temos em vista o quadro geral da correlação de forças dentro do qual os governos populares como um todo se movimentam. Sendo assim, para melhor situar Nkrumah por aqui, em toda a sua complexidade, parece bastante útil ressaltar alguns aspectos assustadoramente comuns entre a história do Brasil e a de Gana. Lembremos do governo de João Goulart (1961-1964), que buscou realizar políticas públicas que tocavam em questões-chave do desenvolvimento do país, como a reforma agrária, a estudantil, a tributária, e que ao mesmo tempo se arriscou em uma política externa independente, batendo de frente com os interesses estadunidenses no território. Os intentos de melhorias na infraestrutura dos países periféricos para que seus recursos não fossem drenados e explorados pelas potências imperialistas nos dois casos foram brutalmente interrompidos por golpes militares que asseguram novos governantes subservientes ao *status quo*, estratégia antecipada no livro *Neocolonialismo: o último estágio do imperialismo*, de Nkrumah (1965).

No ápice de sua vida política, Kwame teve que lidar com a escalada de violência explícita patrocinada pelos Estados Unidos e demais agentes imperialistas contra governos populares, no olho do furacão da Guerra Fria. Podemos citar como exemplos, além do brasileiro, o assassinato de Patrice Lumumba (1961); a invasão da Baía dos Porcos, em Cuba (1961); os golpes militares contra

figuras da esquerda na Guatemala (1963), na República Dominicana (1965) e na Grécia (1967), culminando com o assassinato de Che Guevara na Bolívia (1967).

O contexto definitivamente não era simples, e Nkrumah se viu diante de dilemas profundos, que refletem as tensões inerentes à construção de um governo revolucionário em contextos pós-coloniais. Ele acreditava, por exemplo, que a unidade era essencial para garantir a independência e o progresso dos povos africanos, e que a fragmentação política e o tribalismo herdados do colonialismo deveriam ser superados. No entanto, ainda que estivesse cercado de diversas e valorosas companhias, Gana tinha que criar as bases de uma nova sociedade com uma população e um território intensamente explorados, o que dá margem aos assédios golpistas, à corrupção e ao oportunismo.

Ao longo de seu governo, Nkrumah foi alvo de várias tentativas de assassinato, evidenciando a resistência que sua política enfrentava. Sua postura firme contra o neocolonialismo e sua crítica aberta ao imperialismo fizeram dele um alvo não apenas de elites locais descontentes, mas também de potências estrangeiras. Essas ameaças contribuíram para um ambiente de paranoia política, que, por sua vez, reforçou sua tendência a governar de maneira pouco flexível e a se cercar de aliados leais, muitas vezes em detrimento da pluralidade.

Questões como essas enfrentadas por Nkrumah são emblemáticas das dificuldades de liderar nações recém-independentes em um contexto global ainda dominado por interesses imperialistas. Ainda assim, seu legado como aguerrido pan-africanista e defensor inabalável da libertação africana é prova de sua coragem diante de circunstâncias extraordinárias.

Por todos os elementos acima mencionados, *Kwame Nkrumah: discursos pan-africanistas* foi concebido como uma compilação dos principais pronunciamentos de Nkrumah, para que a partir deles

seja possível compreender o básico deste processo revolucionário interrompido e dos desafios enfrentados pelo pan-africanismo à época. A obra é resultado da tradução e ampliação da edição em inglês de *The Revolutionary Thoughts of Kwame Nkrumah*, coordenada pela União Africana de Editores de Esquerda [African Union of Left Publishers] e publicada pela Inkani Books (África do Sul, maio de 2024). Além desta nota à edição brasileira, elaboramos uma cronologia e algumas notas extras de contextualização nos rodapés. Uma observação em relação às siglas: quando elas são conhecidas no Brasil na sua versão em inglês (como CIA, FAO etc.), mantemos sem tradução. Do contrário, adotamos a sigla correspondente ao nome da organização em português e deixamos, na lista de siglas, a correspondência em inglês.

Mais do que textos escritos para a posteridade, os discursos de Nkrumah foram instrumentos de ação, proferidos para convocar seus compatriotas e todo o continente africano à luta pela autodeterminação, liberdade e unidade. A escolha por apresentar Nkrumah por meio de seus discursos expressa um pressuposto metodológico. A análise de suas intervenções públicas permite identificar escolhas de estratégia e tática realizadas no calor do momento pelo presidente e sua equipe, incluindo as aspirações de uma época e o dinamismo e as contradições típicas de um processo revolucionário em construção, realizado em condições internacionais bastante complexas. Os discursos estão organizados cronologicamente, cobrindo momentos cruciais de sua trajetória política, desde os primeiros apelos pela independência de Gana até seus chamados pela unidade continental e pela luta contra o neocolonialismo.

Com este livro, buscamos não apenas preservar o legado de um dos maiores líderes africanos do século XX, mas também inspirar gerações presentes e futuras a conceber um mundo onde a liberdade, a igualdade e a unidade não sejam apenas ideais, mas

realidades conquistadas. Que seus discursos continuem a ecoar como um chamado para a ação e um testemunho do poder da práxis revolucionária na transformação da história.

Lia Urbini, pela Editora Expressão Popular

# Cronologia

## **Cronologia de Gana**

### *Antes do século XIII*

O território da atual Gana fica logo abaixo da região do Sahel, cinturão desértico e de savanas na divisa entre a África Mediterrânea e a África sub-saariana. Considerado parte da África Ocidental, faz fronteira com Burquina Faso (norte), Togo (leste) e Costa do Marfim (oeste), e seu litoral é banhado pelo Golfo da Guiné.

As primeiras evidências de ocupação humana no território datam de 10 mil AEC, mas os grupos étnicos atuais descendem dos deslocados do Império de Gana, situado onde hoje estão o Mali e a Mauritânia. Em seu ápice, entre os anos 700 e 1200, este Império chegou a ser um dos maiores do continente africano, e já se destacava pela comercialização do ouro. Com secas severas, a ofensiva islâmica na região e a abertura de novas rotas comerciais, muito de sua população foi se redistribuindo pelas proximidades.

### *Séculos XIII-XV*

Etnias reunidas sob o nome akan – incluindo os bono, ashanti, kwahu, akyem, akwapim, wasa, twifo, assinie, akwamu, buem, safwi, aowin, nzima, ahanta, fanti, gomua e azona – vão se estabelecendo progressivamente na região e desenvolvem intenso comércio de ouro e noz-de-cola.

**1240:** Império Mali domina o Reino de Gana, acelerando migrações para a atual Gana.

**1471:** Portugueses chegam à região, batizando-na de “Costa do Ouro”.

**1482:** Construção da Fortaleza Elmina, centro do comércio de ouro e escravos, pelos portugueses.

### *Séculos XVI–XVII*

**1590:** Ascensão do Império Denkyira, reino dominante entre os akans até 1701.

O transporte de escravizados ultrapassa o ouro como principal exportação na região ao longo do século XVII, buscando atender a demanda das *plantations* nas Américas. Chegam comerciantes e administradores holandeses, ingleses, dinamarqueses e suecos; o comércio de escravizados se torna mais organizado. A introdução das armas de fogo no território acentua as guerras entre os reis locais.

**1637:** Holandeses tomam Elmina dos portugueses, que deixam a Costa do Ouro dois anos depois.

**1672:** Inglaterra funda a Royal African Company com o intuito de monopolizar o comércio na região.

### *Século XVIII*

Holandeses e ingleses exploram e estimulam as divisões internas entre os akan. Somente neste século, a região exportou cerca de 677 mil escravizados para as Américas. No Brasil, a maior parte dessas pessoas ficou conhecida como “negros das minas”; participaram no Brasil de muitas revoltas de escravizados e da formação de quilombos.

**1701:** Império Ashanti surge sob Osei Tutu, aliado aos holandeses, dominando a região pelos próximos dois séculos.

**1713-1750:** Tratado conhecido como Asiento de Negros garante monopólio inglês no tráfico de escravos por 30 anos.

**1783:** Inglaterra perde as Treze Colônias com o fim da Guerra da Independência dos EUA. As prioridades imperiais se voltam para a Ásia, o Pacífico e a África.

### *Século XIX*

A revolução industrial massiva que a Inglaterra vivencia no século XIX permitiu que ela se preparasse para se tornar a principal potência imperialista no continente africano no último quarto do século.

**1804:** Independência de São Domingos (atual Haiti) é reconhecida, após mais de dez anos de luta revolucionária contra os colonizadores franceses. O evento abala as estruturas coloniais em outros territórios, e anima as populações locais a lutar por soberania.

**1807:** A proibição inglesa ao comércio transatlântico de escravizados entra em vigor. O tráfico ilegal, entretanto, segue vigente em várias regiões. Menos do que uma crise de consciência capitalista, tratava-se de inovar os modos de exploração para que ela seguisse ocorrendo de maneira mais “aceitável”.

**1874:** Após mais de 50 anos lutando contra os ashanti, a Inglaterra derrota os holandeses, submete os ashanti e declara a Costa do Ouro como sua colônia. Os ashanti seguem articulando a resistência, até que, em 1896, com a Quarta Guerra Anglo-Ashanti, o rei ashanti Prempeh I é exilado.

**1897:** A elite instruída e os chefes tradicionais do território criam a Sociedade de Proteção dos Direitos dos Indígenas, objetivando contestar políticas coloniais como a Lei Agrária.

**1900:** Rebelião Yaa Asantewaa (Guerra do Trono de Ouro). Após a derrota, o Reino Ashanti perde sua independência e é incorporado ao protetorado britânico.

## *Século XX*

Após exitosa introdução do cacau na região (fins do século XIX), o cultivo cacauceiro se destaca, e os agricultores independentes vão adquirindo poder, fazendo com que o país chegue a se tornar o maior exportador mundial do produto por anos.

**1911:** Joseph Ephraim Hayford, jornalista, advogado e político pan-africanista da Costa do Ouro publica *Ethiopia Unbound*, considerada a primeira ficção pan-africana.

**1912:** Delegados da Costa do Ouro participam da Conferência Internacional sobre o Negro, evento pan-africanista realizado em Washington, EUA.

**1919:** I Congresso Pan-Africano, realizado em Paris, organizado pelo estadunidense W. E. B. Du Bois, inspira ideais de autodeterminação dos africanos e busca influenciar as discussões da Conferência da Paz, em Versalhes.

**1920:** Primeira reunião do Congresso Nacional da África Ocidental Britânica (NCBWA), na capital da Costa do Ouro, Acra, reunindo delegados nacionais, da Nigéria, da Serra Leoa e da Gâmbia, solicitando modificação das estruturas administrativas coloniais existentes. A entidade sobreviveu até 1930.

**1923:** Chefe Amoah III, representante da Costa do Ouro, participa do III Congresso Pan-Africano, realizado em Londres e Lisboa.

**1939-1945:** Durante a Segunda Guerra Mundial, a Costa do Ouro forneceu recursos e mão de obra para os Aliados. Os soldados que regressam intensificam a revolta contra o domínio colonial.

**1947:** Criação da Convenção da Costa do Ouro Unida (UGCC) com apoio de ganeses da elite instruída, objetivando o autogoverno. Kwame Nkrumah, que estudava nos EUA, volta ao seu país para liderar a organização, mas se afasta dois anos depois para fundar seu próprio partido.

**1949:** Criação do Partido Popular da Convenção, por Kwame Nkrumah, com o objetivo de ir além das medidas reformistas do UGCC.

**1957:** Independência do estado agora chamado Gana, que unifica a Costa do Ouro, Ashanti, os Territórios do Norte e a Togolândia Britânica como um único país.

**Década de 1960:** Nkrumah promove o conceito de pan-africanismo, e desempenha um papel fundamental na fundação do Movimento dos Países Não Alinhados. Mobilizações populares promovem a expansão da educação gratuita em todo país, impulsionadas por cooperativas e grupos comunitários alinhados às políticas de Nkrumah.

**1966:** Golpe militar destitui Nkrumah. Uma série de governos militares e civis alternados, afetados por instabilidades econômicas, governam Gana por mais de uma década.

**1971-1973:** Os agricultores de cacau organizam protestos contra o baixo preço do produto. Essa resistência popular pressiona o regime militar de Kutu Acheampong a reconsiderar políticas econômicas.

**1978:** Movimentos estudantis e sindicatos lideram protestos massivos exigindo o fim da corrupção e do governo militar, contribuindo para a deposição de Acheampong.

**1982-1983:** Comitês de Defesa do Povo (CDPs) são formados para envolver comunidades no processo de governança. Apesar de controversos, esses comitês promovem maior participação popular em algumas áreas. Movimentos populares lideram campanhas de plantio de árvores e combate à desertificação em resposta à crise ambiental e à fome.

**1992:** Organizações de direitos civis e sindicatos pressionam pela transição democrática. Uma nova constituição é implementada e a política multipartidária é reestabelecida.

**2018:** Movimentos liderados por comunidades locais conseguem atrasar projetos de mineração em áreas protegidas, como a Floresta de Atewa.

### **Cronologia de Kwame Nkrumah**

**1909:** Kwame Nkrumah nasce em Nkroful, na Costa do Ouro, filho da comerciante Elizabeth Nyaniba e do ourives Kofi Ngonloma.

**1930:** Forma-se na Achimota School, em Acra.

**1935:** Parte para os Estados Unidos para continuar seus estudos com dinheiro emprestado de um parente da Nigéria.

**1935-1945:** Nos dez anos em que permanece nos EUA, alterna estudos com trabalhos diversos, como professor, pastor em igrejas, balconista e garçom em navios. Na Universidade da Pensilvânia, torna-se presidente da Associação de Estudantes Africanos da América e Canadá e organiza o jornal da Associação, o *Intérprete Africano*. Também procura conhecer de perto técnicas de organização política, o que o faz circular entre republicanos, democratas, comunistas, trotskistas e diversas organizações menores.

**1942:** Conclui seu Bacharelado em Teologia pela Universidade Lincoln, na Pensilvânia, e no mesmo ano também obtém o título de Mestre em Educação pela Universidade da Pensilvânia, onde ministra aulas de História Negra e Filosofia Social.

**1945:** Recebe o título de professor mais destacado do ano pela revista da Universidade Lincoln. Parte para Londres, onde é recebido por George Padmore, jornalista pan-africanista de Trinidad e Tobago. Já se envolve na organização do Quinto Congresso Pan-Africano, em Manchester, tendo W.E.B. Du Bois como um dos presidentes.

**1945-1947:** Assiste aulas na Escola de Economia de Londres. Torna-se membro da União dos Estudantes da África Ocidental, da qual se torna vice-presidente.

**1946:** Começa a publicar o jornal mensal *O novo africano* e visita Paris pela primeira vez, onde estabelece contato com Leopold Senghor e outros membros africanos da Assembleia Nacional Francesa. Participa da Associação dos Trabalhadores de Cor.

**1947:** Volta de Londres para se tornar secretário-geral da Convenção Unida da Costa do Ouro (UGCC). A organização prioritariamente de comerciantes é formada para lutar pelo autogoverno pelas vias constitucionais, mas Nkrumah vê nela a possibilidade mais estruturada para realizar a mobilização dos trabalhadores à época.

**1948:** É preso pela primeira vez, por oito semanas, em decorrência das atividades políticas com a UGCC. Vão se tornando mais explícitas as divergências entre Nkrumah e os demais membros da organização. Imprime a primeira edição do jornal *Accra Evening News* em setembro, quando é demitido do cargo de secretário-geral da Convenção.

**1949:** Funda o Partido da Convenção do Povo (PCP), com expressiva participação feminina, inaugurando o sistema político partidário no país.

**1950:** Começa a pautar, com o Partido, a campanha de “Ação Positiva”, que incluía boicote aos produtos britânicos, não cooperação, greves e agitação e propaganda pela independência.

**1951:** É novamente preso pelas autoridades coloniais em janeiro. Apesar de receber uma sentença de um ano de prisão, é libertado em fevereiro, quando a primeira eleição geral da Costa do Ouro é realizada. Assume o cargo de líder de Assuntos Governamentais. Em junho, recebe o título de Doutor em Direito pela Universidade Lincoln.

**1952:** É nomeado primeiro-ministro da Costa do Ouro, tendo o PCP conquistado mais de 90% dos assentos nos conselhos legislativos.

**1953:** Em julho, depois de reunir grupos e organizações para recolher opiniões sobre a reforma constitucional, apresenta uma moção que fica conhecida como “A Moção do Destino”, reivindicando a independência do território.

**1954:** Nkrumah percorre muitos distritos de Gana fazendo campanha para as eleições gerais. O PCP segue majoritário, mas enfrenta uma oposição crescente, liderada por grupos regionais e líderes tribais.

**1955:** A oposição intensifica os apelos por uma federação, buscando diluir os poderes do governo central. Nkrumah solicita ao governo britânico um conselheiro constitucional para auxiliar na elaboração de uma nova constituição, que busca equilibrar as demandas regionais. No entanto, a oposição boicota o processo e insiste na criação de um sistema federal.

**1956:** Após impasses, o governo britânico propõe novas eleições gerais. O PCP inicialmente se opõe, argumentando que o mandato do partido era alcançar a independência, mas aceita com a condição de que a independência não fosse mais adiada. O PCP vence novamente as eleições, e a Assembleia Legislativa aprova uma moção para a independência da Costa do Ouro como membro da Commonwealth. Um plebiscito na Togolândia Britânica decide pela união com a Costa do Ouro.

**1957:** A Costa do Ouro conquista a independência em 6 de março, sendo renomeada Gana, o primeiro país da África Subsaariana a se libertar do domínio colonial. Kwame Nkrumah torna-se o primeiro-ministro do país. No mesmo ano, ele publica sua autobiografia. Casa-se com Fathia Halen Ritzk, uma professora egípcia, com quem posteriormente tem três filhos: Samia, Gamal e Sekou. Edward e Francis, filhos de outro relacionamento de Nkrumah, também compõem a família. Inaugura o Museu Nacional de Gana.

**1958:** Kwame Nkrumah organiza em Acra a Primeira Conferência dos Estados Independentes Africanos, com a participação de representantes de oito países independentes da África e 62 organizações populares. Após o evento, ele realiza visitas aos países que enviaram delegações. Nesse mesmo ano, promulga a Lei de Prisão Preventiva, permitindo a detenção de indivíduos sem julgamento por questões relacionadas à segurança do Estado.

**1960:** Um plebiscito é realizado em Gana, e o país adota uma constituição republicana. Nkrumah torna-se o primeiro presidente da República de Gana.

**1961:** Nacionalização do comércio de cacau, principal bem de exportação. Neste ano, Patrice Lumumba, primeiro-ministro do recém-independente Congo, é assassinado, gerando intensa comoção internacional.

**1962:** Abertura do Instituto de Estudos Africanos. Nkrumah implementa o ensino básico gratuito e obrigatório em Gana, reforçando sua política de expansão educacional. Ele recebe o Prêmio Lenin da Paz, em reconhecimento às suas contribuições para o movimento anticolonial. Em agosto, sofre a primeira de várias tentativas de assassinato, em Kulungungu.

**1963:** Nkrumah desempenha um papel central na criação da Organização da Unidade Africana (OUA), cujo objetivo é promover a unidade e cooperação entre os países africanos. Ele publica *África deve se unir*, detalhando suas propostas para o desenvolvimento africano e o combate à dependência econômica pós-colonial.

**1964:** Criação da Ghana Film Corporation. Malcolm X visita Gana, discursa no parlamento e em faculdades. Nkrumah é declarado presidente vitalício e o país adota um sistema unipartidário, consolidando o poder do PCP. Lança o plano de desenvolvimento econômico de sete anos. Em agosto, ocorre um atentado ao Flaggstaff House, sua residência oficial. Ele publica *Consciencismo: filosofia*

*e ideologia para descolonização*, uma obra que articula sua visão ideológica para a África pós-colonial.

**1965:** Nkrumah publica *Neocolonialismo: o último estágio do imperialismo*, em Londres, no qual denuncia as pressões econômicas e políticas das potências estrangeiras sobre os Estados africanos independentes. Durante sua ausência em Gana, enquanto participa da Conferência dos Primeiros-Ministros da Commonwealth em Londres, uma tentativa de golpe militar é contida. Em outubro, ele distribui cópias do livro para líderes africanos na Conferência da Organização da Unidade Africana, realizada em Accra.

**1966:** É inaugurada a usina hidrelétrica do rio Volta, um dos maiores projetos de infraestrutura da era Nkrumah. Ele publica *Desafio do Congo*, uma análise das interferências estrangeiras em países independentes. Em fevereiro, enquanto Nkrumah viaja para a China e o Vietnã do Norte, o Conselho de Libertação Nacional, apoiado pelos Estados Unidos e liderado por oficiais militares, realiza um golpe de Estado em Gana. O novo governo fecha emissoras de rádio e TV, prende líderes do PCP e executa alguns de seus membros. Nkrumah se exila em Conacri, Guiné, onde é recebido por Ahmed Sékou Touré e nomeado copresidente honorário do país.

**1968:** Publica *Dias sombrios em Gana* e *Manual da guerra revolucionária: um guia para a fase armada da revolução africana*, em Londres.

**1970:** Publica *Lutas de classe em África*. Começa a sofrer de problemas de saúde recorrentes, que se agravam nos anos seguintes.

**27 de abril de 1972:** Kwame Nkrumah falece em Bucareste, Romênia, aos 62 anos, enquanto recebia tratamento médico. Seu legado como líder anticolonial e defensor do pan-africanismo permanece significativo para a história de Gana e do continente africano.

# Prefácio

*Professor Francis Nkrumah<sup>1</sup>*

Meu pai morreu no exílio em 1972, seis anos após o golpe de Estado contra seu governo democraticamente eleito. Concretamente, o golpe foi liderado por oficiais do exército e da polícia de Gana, mas, de fato, foi arquitetado pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido. Esses países não podiam mais tolerar a tentativa de Kwame Nkrumah de construir a soberania de Gana e a integridade do continente africano por meio de um projeto pan-africano que havia criado instituições como a Organização da Unidade Africana (OUA).

O golpe aconteceu quando Nkrumah estava em visita à China revolucionária e ao Vietnã e, significativamente, um ano após ele ter publicado sua obra monumental, *Neocolonialism: The Last Stage of Imperialism* [Neocolonialismo: o último estágio do imperialismo]. O livro apresentava uma forte crítica ao sistema político e econômico global que havia surgido após o fim formal do colonialismo na África e em outras partes do mundo. Robert Smith, do Departamento de Estado dos Estados Unidos, disse que o livro era “simplesmente ultrajante [...] Fomos culpados por tudo no mundo”. A ajuda dos Estados Unidos a Gana foi cancelada e

---

<sup>1</sup> Filho mais velho de Kwame Nkrumah, nascido em 1935 e falecido em 30 de junho de 2024, deu continuidade ao legado do pai atuando como destacado pediatra. (N.E.)

eles iniciaram uma guerra econômica para minar o projeto pan-africano e ganês.

Em 1989, Smith disse que o livro poderia ter contribuído de forma material para “a derrubada” de meu pai “logo depois”. Mas não foi o livro em si que estimulou o golpe. O que irritou os Estados Unidos e seus aliados foram as ideias sobre soberania de Estado e a necessidade de lutar contra as estruturas neocoloniais. O livro expôs a verdadeira natureza da agenda ocidental em relação à África, que era continuar controlando o acesso aos seus recursos abundantes, sobre os quais grande parte de sua riqueza e progresso foram construídos. A crítica de Nkrumah ao neocolonialismo desafiava a narrativa ocidental dominante de que o colonialismo havia terminado e que as ex-colônias agora eram livres para seguir seu próprio caminho. Seu argumento de que o imperialismo havia assumido uma nova forma após o fim do colonialismo era visto como um desafio direto aos interesses ocidentais e ao modelo econômico neoliberal dominante que estava sendo promovido pelas potências ocidentais da época.

Além da visão de Nkrumah de construir um projeto continental de unidade e dignidade pan-africanas, seu destino foi selado por sua consciência de que havia uma necessidade urgente de educar as massas africanas para entender as estruturas que inibem o progresso e as necessidades organizacionais do presente. Essas ideias – esse pensamento revolucionário de Nkrumah – foram o que as potências ocidentais consideraram perigoso o suficiente para determinar sua retirada do poder e para desviar a agenda que visava alcançar a verdadeira independência econômica e política da África. E, infelizmente até hoje, essas ideias não foram estudadas da maneira que deveriam ser se quisermos restaurar tanto a soberania de nossos países quanto a de nosso continente. De fato, até a publicação desta antologia, por acaso

ou de propósito, era muito difícil encontrar os livros de Nkrumah no continente africano.

Portanto, este volume não apenas é oportuno, mas fará parte de um renascimento maior do debate em torno da recuperação do lugar da África na ordem mundial e dos princípios do socialismo e do pan-africanismo. Estou muito satisfeito com a União Africana de Editores de Esquerda [African Union of Letf Publishers], as editoras Inkani Books da África do Sul e Militant Books de Gana e outros por trabalharem com o Movimento Socialista de Gana para criar este volume importante que trará as ideias de meu pai de forma condensada para uma nova geração. Espero que seja a base não apenas para discussão, mas também para o avanço do pensamento revolucionário de Nkrumah, levando, em última instância, à verdadeira independência social, política e econômica da África – pela qual ele lutou tão valentemente.

Acra, Gana, novembro de 2023



# Aquele que não podia ser contrariado: uma introdução

*Vijay Prashad<sup>1</sup>*

**E**m 1935, Kwame Nkrumah (1909-1972) chegou a Londres para obter seu visto para estudar nos Estados Unidos. Nas ruas da capital do Império Britânico, Nkrumah ouviu um vendedor de jornais gritar, animado, algo ininteligível. Ele olhou para a banca de jornais e viu um cartaz que dizia: “Mussolini invade a Etiópia”. A Etiópia era um dos poucos países no continente africano que não haviam sido colonizados pelo Ocidente. Nkrumah, que nasceu na vila costeira de Nkroful, na Costa do Ouro, realizou seus estudos na Escola Achimota, mas se influenciou principalmente pelo contato com o Congresso Nacional da África Ocidental Britânica (fundado em 1917), reagiu intensamente à notícia. Em sua autobiografia, escrita em 1956, Nkrumah lembrou sua reação:

Naquele momento, foi quase como se toda Londres tivesse, de repente, declarado guerra contra a minha pessoa. Nos minutos seguintes, eu não conseguia fazer nada além de olhar fixamente

---

<sup>1</sup> Vijay é historiador e jornalista indiano. É autor de 40 livros, incluindo os publicados pela Expressão Popular *Balas de Washington* (2020), *Estrela vermelha sobre o terceiro mundo* (2019); *Uma história popular do terceiro mundo* (2022) e *A retirada: Iraque, Líbia, Afeganistão e a fragilidade do poder estadunidense* (2023), este escrito com Noam Chomsky. É diretor executivo do Instituto Tricontinental, correspondente-chefe da Globetrotter e editor-chefe da LeftWord Books (Nova Déli). Participou de dois filmes: *Shadow World* (2016) e *Two Meetings* (2017).

para cada rosto impassível, perguntando-me se aquelas pessoas eram capazes de perceber a maldade do colonialismo, e rezando para que chegasse o dia em que eu pudesse desempenhar meu papel na queda de tal sistema. Meu nacionalismo veio à tona; eu estava pronto e disposto a ir até o inferno, se necessário, para alcançar meu objetivo.<sup>2</sup>

Nkrumah, em seus 20 e poucos anos, fervendo de raiva e determinação, já se definia como um inimigo do colonialismo. Ele tinha certeza da importância do nacionalismo anticolonial não apenas para sua terra natal, mas para toda a África e, de fato, para o mundo colonizado.

### **Antes de Nkrumah**

A partir do final do século XV, comerciantes europeus entraram no negócio do ouro, razão pela qual nomearam essa vasta extensão da África Ocidental de Costa do Ouro. A ganância transformou o comércio simples em violência, à medida que os europeus estabeleceram fortes ao longo da costa e mudaram do comércio de ouro para o comércio de ouro e seres humanos e, mais tarde, para o comércio de óleo de palma e cacau. Nos 400 anos seguintes, a Europa sugou a riqueza da Costa do Ouro; seus habitantes foram forçados a trabalhar em condições e com salários que impediam o desenvolvimento social das várias comunidades, de Pulmakom, no Norte, a Axém, no Sul. Quantidades mínimas da vasta riqueza da Costa do Ouro foram destinadas à educação e à saúde, e muito pouco foi utilizado para desenvolver a infraestrutura do interior do país. A população da zona rural de Gana viu seu sustento os-

.....  
<sup>2</sup> Nkrumah, Kwame. *The Autobiography of Kwame Nkrumah*. Edimburgo: Thomas Nelson and Sons, 1957, p. 29, tradução nossa.

cular seguindo o ritmo dos preços mundiais do ouro, dos seres humanos, do óleo de palma e do cacau.

O colonialismo produziu sua antítese, que emergiu de dentro da dinâmica da história de Gana. Mesmo com uma longa história de tentativas de subjugar a soberania do povo ganês, os europeus enfrentaram desafios significativos para se estabelecerem no território. O Império Ashanti resistiu às quatro guerras anglo-ashanti (1823-1831, 1863-1864, 1873-1874 e 1895-1896), até que o território se tornou um protetorado britânico em 1897.<sup>3</sup> A resistência dos antigos poderes se deslocou do combate frontal para batalhas legais, por meio da Sociedade Protetora dos Direitos dos Aborígenes da Costa do Ouro [Gold Coast Aborigines' Rights Protection Society], formada para confrontar a tentativa britânica de tomar terras por meio da Lei de Terras da Coroa [Crown Lands Bill], de 1896, e da Lei de Terras [Lands Bill], de 1897.<sup>4</sup> Homens como John Mensah Sarbah (1864-1910) e Joseph Ephraim Casely-Hayford (1866-1930) eram profissionais (advogados e jornalistas) que argumentavam que a identidade africana estava ligada à terra e seu desmembramento minaria o senso de identidade e unidade dos africanos.

Em 1903, Casely-Hayford publicou *Gold Coast Native Institutions: With Thoughts Upon a Healthy Policy for the Gold Coast and Ashanti* [Instituições nativas da Costa do Ouro: pensamentos sobre uma política saudável para a Costa do Ouro e Ashanti], que

---

<sup>3</sup> Embora esta não tenha sido a última guerra, já que as forças ashanti lutaram contra os britânicos na Guerra do Trono de Ouro, em 1900, mantendo seus símbolos reais apesar da erosão de seu poder. (N.E.)

<sup>4</sup> Asante, S. K. B. "The Neglected Aspects of the Activities of the Gold Coast Aborigines Rights Protection Society", *Phylon*, v. 36, n. 1, 1975.

defendia o autogoverno.<sup>5</sup> Em 1951, o filho de Casely-Hayford, Archie, ingressou no Partido da Convenção do Povo [Convention People's Party] (PCP), de Nkrumah, e trabalhou no seu governo como ministro da Agricultura e Recursos Naturais, ministro das Comunicações e, posteriormente, ministro do Interior. Esses primeiros nacionalistas, muitos deles limitados por sua crença na virtude do Império Britânico, prepararam o terreno para Nkrumah e seus pares.

Em 1914, Casely-Hayford e o médico nigeriano Akinwande Savage discutiram sobre a formação de um Congresso Nacional da África Ocidental Britânica [National Congress of British West Africa] (NCBWA), que foi criado três anos depois. Este se baseou em iniciativas anteriores, ilustradas pelo papel de homens como Kobina Sekyi, advogado e neto do chefe-regente da Costa do Cabo. Como ex-presidente da Sociedade Protetora dos Direitos dos Aborígenes, ele se recusava a usar roupas europeias e vestia apenas *ntama* ou *batakari* (vestimenta que Nkrumah usava ao declarar a independência, em 1957).

Quando era professor na Escola Primária Católica Romana, em Axém, em 1931, Nkrumah visitou S. R. Wood, o secretário do NCBWA. Três anos depois, Wood viajou para Londres para apresentar uma petição às autoridades coloniais. Naquela época, Wood conheceu o notável pan-africanista e comunista George Padmore (1903-1959), o que mostra as conexões entre as várias vertentes do anticolonialismo daquela época. Em agosto de 1935, quando a invasão italiana da Etiópia inflamou Nkrumah, pan-africanistas (como Padmore), organizações de estudantes africanos (incluindo aquelas criadas pela iniciativa do NCBWA) e comunistas britâ-

---

<sup>5</sup> Casely-Hayford, *Gold Coast Native Institutions: With Thoughts Upon a Healthy Policy For the Gold Coast and Ashanti*. London: Sweet and Maxwell, 1903.

nicos criaram os Amigos Africanos Internacionais da Abissínia [International African Friends of Abyssinia].<sup>6</sup> Wood estava no comitê executivo (ao lado de Jomo Kenyatta, futuro presidente do Quênia, e Peter Millard, da Guiana Britânica, que foi uma das figuras-chave, ao lado de Nkrumah, na organização do Congresso Pan-Africano de 1945) e também estava presente em Londres para receber Haile Selassie em junho de 1936.

Nkrumah saiu de Londres em 1935 para estudar na Universidade Lincoln, uma faculdade historicamente negra na Pensilvânia, Estados Unidos. Além de seus estudos, Nkrumah se envolveu em uma série de atividades políticas, incluindo o desenvolvimento de sua própria sensibilidade pan-africana ao lado de Nnamdi Azikiwe (1904-1996), que se tornaria o primeiro presidente da Nigéria em 1963. Nkrumah e Azikiwe vivenciaram o racismo grotesco de Jim Crow (incluindo a recusa em lhes fornecer água no Sul dos Estados Unidos) e entraram no mundo das organizações políticas afro-americanas, cujo trabalho espelhava o de grupos como o NCBWA.<sup>7</sup> “Meu objetivo era aprender a técnica de organização desses grupos”, refletiu mais tarde.<sup>8</sup> Nkrumah e Azikiwe escreveram para os jornais de suas faculdades e para veículos da imprensa negra (como *Baltimore Afro-American* e *The Crisis*) e conheceram figuras importantes da luta pela libertação negra nos Estados Unidos. Durante esse tempo, Nkrumah leu muito, buscando uma teoria que melhor explicasse o horror do colonialismo:

Concentrei-me em encontrar uma fórmula pela qual toda a questão colonial e o problema do imperialismo pudessem ser resolvidos. Li Hegel, Karl Marx, Engels, Lenin e Mazzini. Os

---

<sup>6</sup> Padmore, George. *Pan-Africanism or Communism? The Coming Struggle for Africa*. London: Dodson, 1956, p. 151.

<sup>7</sup> Nkrumah, Kwame. *The Autobiography...*, p. 43, tradução nossa.

<sup>8</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 45, tradução nossa.

escritos desses homens influenciaram muito minhas ideias e atividades revolucionárias; particularmente, Karl Marx e Lenin me impressionaram, pois senti que a filosofia deles era capaz de resolver esses problemas.<sup>9</sup>

Nkrumah ficou impressionado com o impacto que W.E.B. Du Bois (1868-1963) e Marcus Garvey (1887-1940) tiveram na população afro-americana. Du Bois, um dos grandes pensadores revolucionários, esteve presente em Londres durante uma conferência pan-africana em 1897, organizada pelo advogado das Índias Ocidentais Henry Sylvester-Williams. E foi Du Bois quem manteve viva a chama do pan-africanismo nas quatro conferências subsequentes (de Paris, em 1919; de Londres, Paris e Bruxelas, em 1921; de Londres e Lisboa, em 1923; de Nova York, em 1927). O *slogan* de Garvey, “África para os africanos”, levou essas ideias pan-africanas às massas, evocando a possibilidade de uma forte consciência anticolonial. Em 1945, quando retornou a Londres, Nkrumah estava preparado para a intensa atividade política na qual se concentraria pelo resto de sua vida.

### **O pan-africanista socialista**

Um mês após sua chegada a Londres, Nkrumah estava ocupado na organização do quinto Congresso Pan-Africano, realizado em outubro, ao lado de Padmore, R. Ras Makonnen (1909-1983) e Peter Abrahams (1919-2017). Os principais organizadores do congresso vieram de todo o mundo do Atlântico Negro: Nkrumah, da Costa do Ouro; Abrahams, da África do Sul; Padmore, de Trinidad; e Makonnen, da Guiana Britânica. Mais de 200 delegados compareceram ao congresso e endossaram tanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos quanto a doutrina do

---

<sup>9</sup> *Id., ibid.*, p. 45, tradução nossa.

socialismo africano. A declaração final continha o *Manifesto aos trabalhadores, agricultores e intelectuais coloniais da África*, redigido pelos principais organizadores, incluindo Du Bois e Nkrumah. O tom do texto carrega a sensibilidade do pan-africanismo anticolonial que os inspirou e explica a orientação de Nkrumah:

Acreditamos no direito de todas as pessoas de se autogovernarem. Afirmamos o direito de todos os povos coloniais de controlarem seus próprios destinos. Todas as colônias devem ser livres do controle imperialista estrangeiro, seja político, seja econômico. Os povos das colônias devem ter o direito de eleger seu próprio governo, um governo sem restrições de um poder estrangeiro. Dizemos aos povos das colônias que eles devem lutar por esses objetivos por todos os meios ao seu alcance.

O objetivo dos poderes imperialistas é a exploração. Ao conceder o direito aos povos coloniais de se autogovernarem, eles estão derrotando esse objetivo. Portanto, a luta por poder político pelos povos coloniais e subjugados é o primeiro passo, e o pré-requisito necessário, para a completa emancipação social, econômica e política.

Portanto, o quinto Congresso Pan-Africano conclama os trabalhadores e agricultores das colônias a se organizarem de forma eficaz. Os trabalhadores coloniais devem estar na vanguarda da batalha contra o imperialismo. Suas armas – a greve e o boicote – são invencíveis.

O quinto Congresso Pan-Africano conclama os intelectuais e as classes profissionais das colônias a despertarem para as suas responsabilidades. A longa, longa noite acabou. Ao lutar pelos direitos sindicais, pelo direito de formar cooperativas, pela liberdade de imprensa, de reunião, de manifestação e de greve; [ao lutar] pela liberdade de imprimir e ler a literatura necessária para a educação das massas, vocês utilizarão os únicos meios pelos quais suas liberdades serão conquistadas e mantidas. Hoje, há apenas um caminho para a ação eficaz – a organização das massas.

Povos coloniais e subjugados do mundo, uni-vos!<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> “Declaration to the Colonial Workers, Farmers and Intellectuals”. In: Padmore, George (ed.). *Colonial and Coloured Unity: a Programme of Action History of the Pan-African Congress*. London: Hammersmith Bookshop, 1947.

O manifesto contém muitos avanços políticos: a necessidade de romper com a visão de que o colonialismo tem algum benefício; a exigência da independência política como o primeiro passo para a soberania; a necessidade de organizar as massas – lideradas pelos trabalhadores – como o único instrumento da luta anticolonial; e o reconhecimento de que o poder político deve ser o instrumento para construir a democracia econômica.

Enquanto ajudava a organizar o Congresso Pan-Africano, Nkrumah começou a redigir um texto sobre o imperialismo (que se assemelhava à dissertação que ele havia iniciado em Lincoln, “A história e filosofia do imperialismo, com referência especial à África”).<sup>11</sup> Esse texto, *Towards Colonial Freedom*, argumentava que “a base da dependência territorial colonial é econômica, mas a base da solução do problema é política. Portanto, a independência política é um passo indispensável para garantir a emancipação econômica”.<sup>12</sup> Contra os nacionalistas liberais que desejavam somente a independência política, Nkrumah precisava mostrar a verdadeira natureza do imperialismo e argumentar a favor da democracia econômica ao lado da soberania política. Sua avaliação do imperialismo se baseia no *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*, de Lenin, escrito em 1916, e em “As raízes africanas da guerra” de W.E.B. Du Bois, de 1915,<sup>13</sup> e ela a expõe em *Rumo à libertação colonial*:

---

<sup>11</sup> Biney, Ama Barbara. *Kwame Nkrumah: An Intellectual Biography*. London: School of Oriental and African Studies, tese de Doutorado, 2007, p. 47.

<sup>12</sup> Nkrumah, Kwame. *Towards Colonial Freedom*. Africa in the Struggle Against World Imperialism. London: Heinemann, 1962, p. 6.

<sup>13</sup> Lenin, V. I. ‘Imperialism: The Highest Stage of Capitalism’, January-June, 1916, *Collected Works*, v. 22, Moscow: Progress Publishers, 1964 [Lenin, V. I. *Imperialismo: estágio superior do capitalismo*, São Paulo: Expressão Popular, 2012 (N.E.)] e Du Bois, W.E.B. ‘The African Roots of the War’, *The Atlantic*, May 1915. [tradução ao português por Sandro Marques dos

As colônias são assim fontes de matérias-primas e mão de obra barata, e um ‘depósito’ para mercadorias supérfluas vendidas a preços exorbitantes. Portanto, essas colônias se tornam caminhos para investimentos de capital; não para o benefício e desenvolvimento dos povos coloniais, mas para o benefício dos investidores, cujos agentes são os governos envolvidos. Por isso é um absurdo incoerente dizer que a Grã-Bretanha ou qualquer outra potência colonial tem a ‘boa intenção’ de desenvolver suas colônias para autogoverno e independência. A única coisa que resta aos povos coloniais é conquistar sua liberdade e independência dessas potências coloniais.<sup>14</sup>

Para isso, Nkrumah delineou uma agenda em três partes:

1. Liberdade política: independência completa e absoluta do controle de qualquer governo estrangeiro;
2. Liberdade democrática: liberdade de tirania política e o estabelecimento de uma democracia na qual a soberania pertença às amplas massas do povo;
3. Reconstrução social: o fim da pobreza e da exploração econômica e a melhoria das condições sociais e econômicas do povo, para que este possa encontrar melhores meios de subsistência e afirmar seu direito à vida humana e à felicidade.

Desde, pelo menos, 1945, Nkrumah fez três rupturas decisivas em relação a muitos de seus contemporâneos na luta da Costa do Ouro. Primeiro, ele expôs a ideia de que a soberania política sem uma orientação socialista apenas trocaria um conjunto de tiranos por outro. Essa demanda por liberdade econômica é articulada de forma clara na agenda, composta por três partes, que aparece em *Rumo à libertação colonial* e, em seguida, é delineada

---

Santos, disponível em <https://traduagindo.com/2023/08/13/w-e-b-du-bois-as-raizes-africanas-da-guerra/> (N.E.)]

<sup>14</sup> Nkrumah, Kwame. *Towards Colonial Freedom...*, p. xvii-xviii.

precisamente em *Neocolonialismo* [Neo-Colonialism] (1965).<sup>15</sup> Em segundo lugar, a soberania política para a Costa do Ouro era necessária, mas não suficiente. Em 1935, Nkrumah havia visto que a independência política da Etiópia não era garantia de poder político ou de democracia social. Uma perspectiva pan-africana adequada exigia a independência de todo o continente, não apenas de uma parte dele. Em seu discurso de independência em 1957, Nkrumah disse: “Nossa independência é insignificante a menos que esteja vinculada à libertação total do continente africano”. Os líderes anticoloniais de seu tempo entendiam a necessidade do regionalismo e do internacionalismo – razão pela qual 29 países africanos e asiáticos foram a Bandung, Indonésia, em 1955, para se comprometerem com uma agenda anticolonial global.<sup>16</sup>

Em terceiro lugar, ficou claro para Nkrumah, no início de sua carreira política, que, como ele escreveu em *A África deve unir-se* [*Africa Must Unite*]:

os efeitos sociais do colonialismo são mais insidiosos do que os políticos e econômicos. Isso porque eles penetram profundamente na mente das pessoas e, portanto, demoram mais para serem erradicados. Os europeus nos relegaram à posição de inferiores em todos os aspectos de nossa vida cotidiana.<sup>17</sup>

.....  
<sup>15</sup> Essa ideia é compartilhada por Fanon, Frantz. *The Wretched of the Earth*. New York: Grove Press, 1963 [Há edição brasileira de ambos os livros: Nkrumah, Kwame. *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. Fanon, Frantz. *Os condenados da terra*. São Paulo: Zahar, 2022 (N.E.)].

<sup>16</sup> A ideia do pan-africanismo possui uma forte tendência ao internacionalismo, ao contrário do paroquialismo. Ver Shivji, Issa. “What is PanAfricanism?”, *Interventions*, n. 1, set. 2023, Tricontinental: Institute for Social Research.

<sup>17</sup> Nkrumah, Kwame. *Africa Must Unite*. London: Heinemann. 1963, p. 32 [Há edição portuguesa: Nkrumah, Kwame. *A África deve unir-se*. Lisboa: Ulmeiro, 1977. (N.E.)].

Nkrumah, que havia vivenciado racismo nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e de funcionários coloniais na Costa do Ouro, entendeu que foi somente quando a validade da inferioridade “foi questionada que os movimentos de revolta começaram e toda a estrutura do domínio colonial foi atacada”. Por essa razão, os movimentos anticoloniais precisavam combater diretamente a ideia de inferioridade, e as nações pós-coloniais precisavam de uma política educacional robusta e antirracista, cujo centro seria a alfabetização. Em suma, essas três rupturas moldaram a orientação política de Nkrumah quando ele retornou à Costa do Ouro em 1947.

### **Rumo à liberdade**

Quando Nkrumah desembarcou do navio em Takoradi, o oficial de imigração pegou seu passaporte e disse: “Então você é Kwame Nkrumah”. Ele sentiu que tudo acabaria ali, que seria preso. Mas isso não aconteceu. O oficial, um africano, chamou outros trabalhadores e saudaram Nkrumah com empolgação. Eles disseram que tinham ouvido falar dele e estavam “esperando ansiosamente por minha chegada dia após dia”.<sup>18</sup> Ao viajar para se encontrar com as forças políticas e fazer discursos, ele descobriu que o clima em seu país havia mudado. Grande parte da população não acreditava mais nas possibilidades de progresso por meio do regime colonial britânico.

Em dezembro de 1947, um grupo liderado por Paa Grant – um comerciante de Sekondi-Takoradi – formou a Convenção Unida da Costa do Ouro [United Gold Coast Convention] (UGCC) em Saltpond “para garantir que, por todos os meios legítimos e constitucionais, o controle e a direção do governo passem, no menor tempo possível, para as mãos dos povos e dos

---

<sup>18</sup> Nkrumah, Kwame. *The Autobiography...*, p. 67.

chefes locais”. Nkrumah rapidamente descobriu que a UGCC “não tinha o apoio das massas e de alguns dos chefes locais”.<sup>19</sup> Um ano depois, ele foi convidado a assumir o posto de secretário-geral da UGCC. Embora Nkrumah reconhecesse que a entidade era “apoiada quase inteiramente por reacionários, advogados da classe média e comerciantes”, ele, no entanto, viu sua utilidade.<sup>20</sup> A UGCC foi o primeiro instrumento ao qual Nkrumah se juntou para “organizar as massas”, seguindo o *Manifesto* de 1945.

A maré da história se intensificou logo após Nkrumah voltar para casa. O chefe Nii Kwabena Bonne III formou o Comitê de Campanha Anti-Inflação para combater a alta inflação na Costa do Ouro. O comitê informou à Câmara de Comércio colonial e à United Africa Company (uma subsidiária da Unilever) que, se os preços não fossem reduzidos, começaria uma campanha de boicote. Esta começou em 26 de janeiro de 1948, mas foi encerrada em 20 de fevereiro após a intervenção do governo colonial, pois este percebeu que a campanha havia feito a cabeça do povo. A campanha do comitê testou as possibilidades anticoloniais na Costa do Ouro e se deparou com o povo pronto. No dia em que ela terminou, Nkrumah falou em Acra sobre “As batalhas ideológicas de nosso tempo”. A resposta a esse discurso, ele escreveu mais tarde, mostrou que “a consciência política do povo da Costa do Ouro havia chegado ao ponto em que era hora de se unirem e lutarem por sua liberdade e independência”.<sup>21</sup>

Uma semana depois, um estalo mostrou até onde o povo estava disposto a ir. Homens que haviam lutado nos exércitos da Grã-Bretanha ao redor do mundo assumiram a liderança. Soldados da

---

<sup>19</sup> *Id., ibid.*, p. 70.

<sup>20</sup> *Id., ibid.*, p. 62.

<sup>21</sup> *Id., ibid.*, p. 76.

Costa do Ouro que haviam lutado na Primeira Guerra Mundial retornaram para casa com queixas sobre o tratamento que lhes foi dado. Em 1919, eles formaram a União dos Ex-Combatentes da Costa do Ouro. Esse grupo foi avivado por B.E.A. Tamakloe em 1946 e cresceu rapidamente devido ao racismo vivido pelos quase 30 mil soldados da Costa do Ouro que serviram o Império Britânico na Ásia e no Oriente Médio.<sup>22</sup> O jornal do grupo, *Ex-Service*, documentou o fracasso do regime colonial britânico no tratamento desses ex-combatentes.<sup>23</sup>

Em fevereiro de 1948, a União liderou uma marcha para o Castelo de Christiansborg (ou Castelo de Osu), a sede do regime colonial. A polícia atirou na marcha, matando duas pessoas. Esse incidente provocou protestos generalizados pelo país. A UGCC mostrou-se insuficiente, como Nkrumah havia previsto, embora tenha apoiado esse levante popular. Isso lhe mostrou que uma organização mais firme seria necessária para avançar nas demandas do povo. O apoio de Nkrumah à revolta foi a razão pela qual o Estado colonial o prendeu pela primeira vez e o manteve preso por alguns meses.

Quando saiu da prisão, ele agiu decisivamente para estabelecer uma plataforma mais radical. Primeiro, fundou o jornal *Accra Evening News*, que noticiava o estado da insatisfação pública com o regime colonial.<sup>24</sup> Depois, ele ajudou a criar o Comitê de

---

<sup>22</sup> Para uma descrição [deste episódio], ver as memórias de Isaac Fadoyebo sobre seu tempo em Burma: *A Stroke of Unbelievable Luck*. Madison, Estados Unidos: Universidade de Wisconsin, 1999.

<sup>23</sup> Killingray, David. *The Colonial Army in the Gold Coast. Official Policy and Local Response, 1890-1947*. London: School of Oriental and African Studies, tese de doutorado, 1982.

<sup>24</sup> *O Accra Daily News* não era o único jornal. Nkrumah também criou jornais regionais, como o *Morning Telegraph*, de Sekondi, e o *Daily Mail*, de Cape Coast.

Organização Juvenil (COJ) como ala juvenil da UGCC, mas que rapidamente foi além dela para exigir “autogoverno já”; o COJ atraiu o que Nkrumah sabia serem as três seções mais radicais da sociedade da Costa do Ouro – mulheres feirantes, ex-combatentes e estudantes. Em nome da COJ e da UGCC, Nkrumah viajou por toda a Costa do Ouro, realizando grandes reuniões e incubando uma nova cultura de libertação nacional (incluindo a adaptação de antigas canções religiosas em canções de libertação, com novas letras). “Todos os líderes do pensamento e ação política da África Ocidental são estigmatizados como agitadores”, ele escreveu, precisamente o que ele havia se tornado.<sup>25</sup>

No início de 1948, Nkrumah sabia que a UGCC não duraria. As tensões do novo radicalismo da população da Costa do Ouro se refletiam em desentendimentos políticos dentro da executiva. Em vez de cindir a UGCC, Nkrumah se apressou em construir uma base de massas com o COJ e por meio do *Accra Evening News*, para que a nova organização fosse capaz de transcender, em vez de cindir, a UGCC. Em junho de 1949, a executiva da UGCC expulsou Nkrumah e o COJ. Preparados para isso, Nkrumah e a direção do COJ formaram o Partido da Convenção Popular (PCP), que atraiu a base de massas da UGCC que Nkrumah havia ajudado a construir.

“Vocês devem, pessoalmente, tentar romper com essa perigosa apatia que tomou conta de alguns membros da comunidade durante os longos anos de dominação imperialista”, escreveu Nkrumah no dia seguinte.<sup>26</sup> A apatia seria quebrada por uma “ação positiva”, que Nkrumah definiu em seu primeiro grande panfleto político

---

<sup>25</sup> Nkrumah, Kwame. “Agitation”. *Accra Evening News*, set. 1948, tradução nossa.

<sup>26</sup> Nkrumah, Kwame. “You”, *Accra Evening News*, jul. 1949, tradução nossa.

escrito e publicado na Costa do Ouro (“O que quero dizer com ‘ação positiva’”, 1949, ver adiante, p. 63).<sup>27</sup> Baseada em sua avaliação da “não violência” que havia moldado a luta pela liberdade na Índia, a “ação positiva” era, no entanto, um apelo para a agitação política em todas as esferas da vida – desde a redação de artigos anticoloniais em jornais até boicotes econômicos. Nenhuma tática foi deixada de lado, pois diferentes táticas atrairiam diferentes pessoas, e o objetivo era atrair toda a população da Costa do Ouro contra o regime colonial. O PCP anunciou um Dia de Ação Positiva em 8 de janeiro de 1950 – o que se transformou em uma greve geral. Nkrumah foi preso em 20 de janeiro e condenado a três anos de prisão. Ao se darem conta de que Nkrumah e o PCP haviam conquistado o espírito do país, o Estado colonial anunciou uma concessão – uma eleição em fevereiro de 1951 para eleger um conselho legislativo *para* o Estado colonial.

O PCP decidiu participar dessas eleições, apesar de seu escopo limitado. Foi um excelente teste do poder político do partido, que conquistou 34 das 38 cadeiras (a UGCC conquistou três cadeiras). Da prisão, Nkrumah concorreu à eleição para a zona eleitoral de Acra e venceu com 90% dos votos. Ele foi solto e se tornou o primeiro-ministro do novo governo.

### **Criando Gana**

De 1951 a 1957, Nkrumah liderou o governo na Costa do Ouro, ainda sob domínio britânico, e o PCP por meio de dois eixos: primeiro, continuar a luta pela independência total (Gana surge em

---

<sup>27</sup> Em um movimento audacioso, Nkrumah adotou o termo “ação positiva” da Comissão Watson do Estado colonial, que afirmava que a Costa do Ouro precisava ser administrada pela “ação positiva do governo”. Ministério Colonial, *Commission of enquiry into disturbances in the Gold Coast* [Comissão de inquérito sobre problemas na Costa do Ouro], 1948.

6 de março de 1957); e, segundo, construir a base para o futuro de Gana. A questão-chave de 1951 até o golpe contra Nkrumah, em 1966, foi a educação. Quando ele retornou à Costa do Ouro, em 1947, a taxa de alfabetização no país era de apenas 10%. Por isso, o PCP havia impulsionado um Plano de Desenvolvimento Acelerado para a Educação (1951), que buscava modernizar rapidamente a educação nacional por meio da descentralização do controle da educação para os conselhos locais e pela abolição das taxas de matrícula como um incentivo para a Educação Primária universal.

Sem um programa de educação acelerado, Nkrumah reconhecia que seu projeto falharia, porque ele precisava construir uma população educada para administrar o serviço civil (que permaneceu nas mãos dos britânicos até 1957) e para desenvolver a economia. A política educacional não se limitava às cidades, mas também se estendia às áreas rurais, onde Nkrumah havia trabalhado para construir a UGCC e, posteriormente, o PCP. Foi nessas regiões que ele se uniu aos protestos por direito à terra e compartilhou da indignação do povo diante do descaso colonial com sua saúde e educação.

Dois anos após ele se tornar primeiro-ministro, o Estado colonial foi forçado a aceitar um novo processo constitucional que exigia a independência total, precedido por outra eleição em 1953 para um Parlamento ampliado e pela devolução do poder a essa assembleia. Em 11 de julho de 1953, Nkrumah fez o que talvez seja seu discurso mais importante, que mais tarde foi chamado de “The Motion of Destiny” [A moção do destino]:

Nossa demanda por autogoverno é uma demanda justa. É uma demanda que não admite concessões. O direito de um povo de governar a si mesmo é um princípio fundamental, e comprometer esse princípio é traí-lo [...]. De acordo com o lema do valente *Accra Evening News*: ‘Preferimos o risco do autogoverno à tranquilidade da servidão’. Sem dúvida cometeremos erros, como todas as outras

nações. Somos seres humanos e, portanto, falíveis. Mas também podemos tentar aprender com os erros dos outros para que possamos evitar os maiores abismos em que eles caíram. Além disso, os erros que possamos cometer serão nossos próprios erros, e será nossa responsabilidade corrigi-los. Enquanto formos governados por outros, atribuiremos nossos erros a eles, e nosso senso de responsabilidade permanecerá enfraquecido. A liberdade traz responsabilidades, e nossa experiência só pode ser enriquecida pela aceitação dessas responsabilidades. (ver adiante, p. 84-85)

Quando Nkrumah terminou esse discurso, “os membros saltaram de suas cadeiras. Eles aplaudiram, bateram palmas e cantaram a canção do partido. Fizeram tanto barulho que as multidões esperando na rua do lado de fora ouviram e também começaram a aplaudir”.<sup>28</sup> Nas eleições realizadas em 1954, o PCP conquistou 72 das 104 cadeiras, e novamente conquistou a maioria em 1956, o que levou à declaração final de independência no ano seguinte.

Em 1957, o movimento liderado por Nkrumah atingiu o primeiro de seus objetivos: a independência política, um feito significativo. Agora, ele precisava aprofundar o trabalho que já havia começado em 1951: impulsionar uma agenda para a educação e para a ciência e tecnologia, construir infraestrutura e diversificar a economia. O compromisso com o socialismo era claro. No Segundo Plano Quinquenal, o governo de Nkrumah propôs uma agenda política para “abolir as doenças, a pobreza e o analfabetismo”. Essa era a prioridade. Para isso, o governo precisava intervir na economia para modernizar a agricultura e a indústria, bem como avançar em direção ao controle dos processos produtivos pelos trabalhadores e camponeses. Gana – como um novo Estado pós-colonial – tinha poucos recursos para implementar uma agenda estritamente socialista. O país precisaria atrair investimentos e, devido ao caráter

---

<sup>28</sup> Milne, June. *Forward Ever: The Life of Kwame Nkrumah*. London: Panaf Books, 1977, p. 27; Nkrumah, Kwame. *The Autobiography...*, p. 187-205.

do sistema mundial, esse financiamento provavelmente viria dos detentores de títulos ocidentais e de países ocidentais.

“Nós queremos indústrias em Gana”, disse Nkrumah ao Parlamento em 4 de março de 1959, “e estamos sempre prontos para fazer acordos razoáveis com qualquer governo, instituição ou indivíduo que possa nos trazer uma proposta sólida. Em suma, pretendemos, como no passado, seguir uma abordagem prática e de bom senso para o desenvolvimento industrial”.<sup>29</sup> Gana precisava de novas fábricas (para processar óleo e farinha e para fabricar cimento), precisava de nova infraestrutura para energia e transporte, e necessitava de sua própria infraestrutura de comunicações (uma nova estação de televisão, por exemplo). Construir infraestrutura – como o imenso Projeto do Rio Volta – era ao mesmo tempo caro e complicado, e o governo lutava para concluir esse projeto devido aos baixos níveis de alfabetização resultantes da maldade do domínio colonial.

Nkrumah entendia essa realidade e reconhecia que o antídoto para isso era criar um partido forte, o PCP, e fortalecer a formação política entre seus quadros. O projeto político de construir uma população consciente e um quadro vital era a base para construir uma economia avançada. Isso incluía a criação de um novo funcionalismo público: “Sempre tive a convicção de que, após qualquer revolução política, não violenta ou violenta, o novo governo deve, imediatamente ao assumir o poder, limpar do funcionalismo público todos os seus antigos líderes”.<sup>30</sup>

Mas fortalecer o partido e desenvolver *expertise* exigiria um esforço imenso – um esforço contra as seduções da corrupção para uma população pobre, agora confrontada com a riqueza de recur-

---

<sup>29</sup> *Parliamentary Debates*, March 4, 1963, p. 152, citado em *The Ghana Young Pioneers*. Publication n. 437. Winneba: Kwame Nkrumah Ideological Institute, n.d. George Padmore Research Library Collection, Accra.

<sup>30</sup> Nkrumah, Kwame. *The Autobiography...*, p. 146.

dos do país e com corporações multinacionais dispostas a subornar para conseguir o que queriam, e um esforço contra as instalações educacionais mínimas construídas pelo Estado colonial. Não são tarefas fáceis – desviar uma parte substancial da riqueza social para a educação e construir uma bússola moral dentro do partido e da burocracia estatal para superar as tentações da corrupção. Gana, como a maioria dos países do Terceiro Mundo, viu que essas barreiras eram muito difíceis de superar.

Uma nova consciência não poderia ser simplesmente importada para a nova sociedade. Ela precisava ser construída com base em fontes de conhecimento do continente: o pensamento tradicional africano, o pensamento islâmico e as heranças ocidentais (principalmente o marxismo). O socialismo moderno, derivado do marxismo, animaria o antigo comunalismo socialista do tradicionalismo africano e a ideia islâmica de comunidade igualitária (*ummah*). Essas questões preocuparam Nkrumah quando ele escreveu seu livro *Consciencism* [Consciencismo] (1964) e em um discurso que proferiu no Cairo dois anos depois:

Sabemos, obviamente, que a derrota do colonialismo e até mesmo do neocolonialismo não resultará no desaparecimento automático dos padrões importados de pensamento e organização social. Pois esses padrões estão enraizados e são características sociológicas de nossa sociedade contemporânea em graus variados. Tampouco um simples retorno à sociedade comunal da antiga África oferecerá uma solução. Advogar um retorno, por assim dizer, à rocha de onde fomos extraídos é um pensamento encantador, mas estamos enfrentando problemas contemporâneos, que surgiram da subjugação política, exploração econômica, do atraso educacional e social, aumento populacional, da familiaridade com os métodos e produtos da industrialização, de técnicas agrícolas modernas.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Nkrumah, Kwame. “African Socialism Revisited”. *African Forum*, v. 1, n. 3, 1966.

Vários discursos neste volume contêm a avaliação de Nkrumah sobre a necessidade de construir um novo Gana a partir da Costa do Ouro que emergira do domínio colonial. As condições materiais que se apresentaram delinearão restrições significativas contra as quais ele teve que construir projetos em massa ao mesmo tempo em que lidava com as tendências contrarrevolucionárias dentro de Gana, instigadas pelas forças imperialistas.

### **Construindo a África**

A Conferência de Berlim de 1884-1885 dividiu o continente africano entre várias potências coloniais europeias – os únicos países que não foram colonizados foram Etiópia e Libéria, o que explica a forte reação de Nkrumah em 1935, quando a Itália invadiu a Etiópia.<sup>32</sup> Desde o início de sua trajetória política, ele estava comprometido com o pan-africanismo, o que significava não apenas uma consciência da identidade africana, mas a necessidade de projetos de libertação africana e, posteriormente, de Estados africanos pós-coloniais trabalharem em conjunto para produzir uma África unida.

Em dezembro de 1951, Nkrumah reuniu as forças envolvidas no quinto Congresso Pan-Africano, de 1945, para se encontrarem, pela primeira vez, no continente africano. Era conveniente que se reunissem em Kumasi, a capital do Império Ashanti, e igualmente conveniente que Azikiwe e Padmore estivessem entre os delegados. A reunião se comprometeu a defender o novo Estado na Costa do Ouro e a “cultivar a amizade dos Estados interessados no destino da África”.<sup>33</sup> Aí estavam dois elementos do pan-

<sup>32</sup> A Libéria foi formada por afro-americanos e pela American Colonization Society, o que a manteve dentro da esfera de influência dos Estados Unidos.

<sup>33</sup> “Congress of Kumasi: Nationalists Meet in the Gold Coast to Lay Plans for West African Co-operation”. *West African Review*, fev. 1954.

-africanismo: a defesa contra o imperialismo e a necessidade de forjar a unidade africana.

Após a formação de Gana em 1957, Nkrumah foi além, realizando duas conferências complementares em Acra. A primeira, em abril de 1958, foi a Conferência dos Estados Africanos Independentes, que reuniu os oito Estados independentes do continente, e a segunda, em dezembro de 1958, foi a Conferência dos Povos Africanos, que reuniu as organizações de libertação nacional que ainda estavam lutando contra os governantes coloniais. A união dos Estados foi acelerada quando a França penalizou a Guiné por seu voto contra o referendo de 1958 para aderir à Comunidade Francesa. Nkrumah convidou Sékou Touré (1922-1984), da Guiné, para trabalhar com ele na criação de uma união entre Gana e Guiné (o Mali se juntou a esse processo em 1960). Na Conferência dos Povos, Nkrumah encontrou-se com Patrice Lumumba (1925-1961), líder do Movimento Nacional Congolês, e discutiu a entrada do Congo na união quando eventualmente conquistasse sua independência.

Dessas duas conferências e das discussões que Nkrumah teve com Estados pós-coloniais e movimentos de libertação nacional, surgiu a Organização de Estados Africanos em maio de 1963. Essa organização adotou várias das importantes diretrizes desenvolvidas por Nkrumah, como coordenar o trabalho dos Estados pós-coloniais para melhorar a vida do povo africano e lutar pela erradicação do colonialismo (por meio de um Comitê de Libertação baseado na sede da organização, em Adis Abeba).<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Nzongola-Ntalaja, Georges. "Pan-Africanism since decolonisation: from the Organisation of African Unity (OAU) to the African Union (AU)". *African Journal of Democracy and Governance*, v. 1, n. 4, 2014.

Na Conferência dos Povos Africanos, Nkrumah conheceu Lumumba e um intelectual altamente respeitado da Martinica e da Argélia, Frantz Fanon (1925-1961), e viu neles o futuro. Se o movimento de Lumumba conseguisse sucesso no Congo, o país estrategicamente importante poderia fornecer a base para a liberdade da África. E se a sabedoria aguçada de Fanon sobre o colonialismo, a violência e as armadilhas da libertação nacional pudesse ser assimilada, então nada poderia deter o continente inteiro. Nkrumah cultivou o relacionamento com Lumumba, ajudando seu movimento incipiente com apoio material e ideológico, e enviou funcionários ganeses para auxiliá-lo quando ele se tornou primeiro-ministro do recém-libertado Congo em 1961.

Ao final da Conferência dos Povos Africanos, Fanon sentiu que todas as partes do continente africano seriam livres até 1960. Havia bravura nisso. “A independência nunca é concedida”, disse Lumumba ao *Chicago Daily News* em julho de 1960. “Conquistamos nossa independência com nosso próprio sangue e esforço.”<sup>35</sup> O Congo conquistou sua liberdade como Fanon previu, e a Argélia conquistou sua independência em 1962, luta na qual Fanon participou ativamente, reafirmando seu otimismo. Essas não eram apenas palavras de Fanon e Lumumba, mas ideias que tinham um caráter de massa.

Em 1962, Maria Dulce Almada Duarte (1933-2019), membra do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), disse à Organização das Nações Unidas (ONU) que “o povo cabo-verdiano está cada vez mais consciente de que a pobreza do país é um mito” – eles viviam em um país rico cuja riqueza social estava sendo sugada por Portugal; com o fim do domínio

---

<sup>35</sup> Lumumba, Patrice. *The Truth About the Monstrous Crime of the Colonialists*. Moscou: Foreign Languages Publishing House, 1961, p. 57.

português, o povo floresceria.<sup>36</sup> Amílcar Cabral (1924-1973), líder do PAIGC, montou campos de formação em Gana, com permissão de Nkrumah, para dar continuidade às descobertas de Duarte. Quando seus convidados deixaram Acra, Nkrumah refletiu: “A Revolução Africana começou de verdade”.<sup>37</sup>

Nos anos subsequentes, a realidade do que Fanon chamou de “bloco de granito” se estabeleceu.<sup>38</sup> Este era a ordem socioeconômica rígida que concedia algumas coisas, mas se recusava a alterar sua estrutura básica de dominação sobre a propriedade e os privilégios. O governo democraticamente eleito de Lumumba foi derrubado por um golpe engendrado por belgas, americanos e britânicos, apoiado por setores da elite do Congo. Era intolerável permitir que uma nação soberana controlasse a mina de Shinkolobwe, de onde os Estados Unidos obtiveram o urânio para as bombas de Hiroshima e Nagasaki em 1945. Lumumba foi brutalmente assassinado em 1961. “Viva o Congo! Viva a África!”, escreveu Lumumba em sua última carta para sua esposa, Pauline.<sup>39</sup>

Seu mentor, Nkrumah, assistiu a tudo, desolado, de Acra. Não havia nada que ele pudesse fazer. Quatro anos depois, o embaixador britânico em Gana, A. W. Snelling, escreveu: “No geral, é do interesse da Grã-Bretanha que Nkrumah deixe de governar Gana”.<sup>40</sup> Os Estados Unidos já haviam iniciado planos para derrubá-lo. Eles odiavam sua defesa da liberdade no continente e se sentiam ofendidos pelo livro *Neocolonialismo: o último estágio do*

---

<sup>36</sup> Almada, Maria Dulce. “Cape Verde: Slaves, Poverty and Aridity”. *The African Liberation Reader*, v. 2, ed. Aquino de Bragança e Immanuel Wallerstein. London: Zed, 1982, p. 30.

<sup>37</sup> Williams, Susan. *White Malice: The CIA and the Covert Recolonization of Africa*. New York: Public Affairs, 2021, p. 50.

<sup>38</sup> Fanon, Franz. *The Wretched of the Earth*, p. 109.

<sup>39</sup> Williams, Susan. *White Malice*, p. 375.

<sup>40</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 491.

*imperialismo*, uma acusação muito contundente do imperialismo na África.<sup>41</sup> Robert Smith, do Departamento de Estado dos Estados Unidos, mais tarde disse que o livro, publicado em outubro de 1965, era “simplesmente ultrajante [...]”. Fomos culpados por tudo no mundo”. Como consequência, a ajuda dos Estados Unidos a Gana foi cortada. O livro, e a política de Nkrumah, levaria à sua queda. Em 1989, Smith revelou que o livro “pode ter contribuído de maneira material para sua derrubada logo depois”.<sup>42</sup> Em 1966, Nkrumah foi destituído do poder enquanto estava em uma viagem que incluiria a República Popular da China e o Vietnã do Norte.<sup>43</sup>

Até 1966, os golpes no Congo e em Gana impediram a esquerda de se manter no poder. Outros menos conhecidos – como o contra Louis Rwagasore, de Burundi, em 1961 e contra Modibo Keita, do Mali, em 1967 – também definiram a África como um continente golpeado.<sup>44</sup> Muitos destes, realizados pelos militares em nome dos imperialistas, foram estudados cuidadosamente pela comunista sul-africana Ruth First em seu livro de 1970, *The Barrel of a Gun: Political Power in Africa and the Coup d'État* [O cano da arma: poder político na África e o golpe de Estado], que argumentava que esses golpes – agora quase uma cena familiar – ocorreram porque o militarismo era uma herança do período colonial, outras instituições estatais eram fracas, e as forças radicais estavam muito fragmentadas para impulsionar uma agenda.<sup>45</sup> O colonialismo

---

<sup>41</sup> Nkrumah, Kwame. *Neocolonialism: The Last Stage of Imperialism*. London: Thomas Nelson, 1965.

<sup>42</sup> Williams, Susan, *op. cit.*, p. 495.

<sup>43</sup> Atual Vietnã. (N.E.)

<sup>44</sup> De Witte, Ludo. *Moord in Burundi*: België en de liquidatie van premier Louis Rwagasore. Antuérpia: EPO, 2021; Sanankoua, Bintou. *La chute de Modibo Keita*. Paris: Editions Chaka, 1990.

<sup>45</sup> First, Ruth. *The Barrel of the Gun: Political Power in Africa and the Coup d'État*. London: Allen Lane, 1970. Em *Political Order in Changing Societies*,

não tinha produzido instituições liberais que poderiam controlar os militares, e o ataque pós-colonial à esquerda desorientou as bases populares que poderiam ter evitado uma tomada militar. Na maioria das vezes, os militares apareciam após arranjos conspiratórios de algum embaixador ocidental.

Nkrumah refugiou-se na Guiné, onde em 1968 escreveu seu relato sobre o golpe, chamado *Dark Days in Ghana* [Dias sombrios em Gana]. “Seria possível dar outros exemplos da atividade da CIA e do trabalho de outras organizações de inteligência estrangeiras na África. Eles forneceriam material para um livro inteiro”.<sup>46</sup> Mas mesmo ali, tendo sido deposto em um golpe, com uma visão clara sobre o imperialismo e exilado na Guiné, Nkrumah escreveu: “Se por um tempo os imperialistas parecerem estar ganhando terreno, não devemos desanimar. Pois o tempo está ao nosso lado. A permanência das massas é o fator decisivo, e nenhum poder na terra pode impedir seu efeito decisivo final na luta revolucionária”.<sup>47</sup> Duas frases são marcantes aqui: “o tempo está ao nosso lado” e “a permanência das massas é o fator decisivo”. Nkrumah, no exílio, não permitia que seu espírito fosse detido. Seus amigos o chamavam de *Kasapreko*, “aquele que não podia ser contrariado”. Isso não era apenas um traço de personalidade; mas também porque Nkrumah, como tantos outros líderes das lutas de libertação nacional, entendia as leis do movimento da história e

---

Samuel Huntington argumentou a favor da “modernização militar”, ou seja, que em países ex-coloniais, apenas os militares poderiam avançar na modernização e, nesse caso, os Estados Unidos não deveriam se opor a ditaduras militares. Huntington, Samuel. *Political Order in Changing Societies*. New Haven: Yale University Press, 1968. [Há edição brasileira: *A ordem política nas sociedades em mudança*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1975.]

<sup>46</sup> Nkrumah, Kwame. *Dark Days in Ghana*. London: Lawrence and Wishart, 1968, p. 50.

<sup>47</sup> Nkrumah, Kwame. *Dark Days...*, p. 159.

o papel a ser desempenhado pelas massas populares, desgarradas, destemidas, com um desejo irresistível de liberdade.

No exílio na Guiné, Nkrumah começou a pensar seriamente sobre as estratégias para a libertação nacional. O caminho da democracia eleitoral funcionou por um tempo, mas o continente marcado por golpes sugeriu a ele que o poder político precisava ser alcançado por uma força enorme; às vezes, essa força enorme tinha de ser construída por meio da luta armada.<sup>48</sup> Isso não era uma ilusão em sua época. Em seu entorno, a libertação nacional havia mudado de ação cívica para a luta armada, não apenas nas colônias portuguesas, mas também na África do Sul. Em suas últimas obras, é central sua avaliação madura do imperialismo e sua tentativa de encontrar a estratégia e as táticas adequadas para minar o sistema mundial neocolonial.

Em 23 de setembro de 1960, a União Soviética apresentou uma resolução para a descolonização imediata. Essa resolução foi contestada por todo o bloco ocidental, liderado pelos Estados Unidos. Alguns meses depois, 43 países da África e da Ásia afirmaram os princípios de Bandung e apresentaram sua própria resolução. Por fim, em 14 de dezembro, a Assembleia Geral da ONU adotou uma resolução, a “Declaração sobre a concessão de independência aos países e povos coloniais” – originalmente apresentada pela União Soviética, depois reformulada por Estados africanos e asiáticos. Oitenta e nove países – incluindo a União Soviética – votaram a favor, ninguém votou contra, mas nove países se abstiveram: Austrália, Bélgica, França, Portugal, Espanha, República Dominicana, União Sul-Africana,<sup>49</sup> Reino

---

<sup>48</sup> Nkrumah, Kwame. *Handbook of Revolutionary Violence*. New York: International Publishers, 1968.

<sup>49</sup> A União Sul-Africana, existente entre 1910 e 1961 ocupando o território da atual África do Sul, se tornou República da África do Sul em 1961. (N.E.)

Unido e Estados Unidos. Os Estados Unidos se aliaram às antigas potências coloniais e à África do Sul contra uma declaração que dizia: “O processo de libertação é irresistível e irreversível”. Essa declaração é fundamental para o pensamento de libertação nacional, que era central para Nkrumah. Durante seu mandato, ele ficou conhecido como *Osagyefo*, que significa “o redentor” na língua Akan. Esse era um nome preciso: ele passou sua vida tentando libertar a humanidade. Nkrumah morreu em Bucareste, na Romênia, em abril de 1972.

Este livro não tem a intenção de ser uma antologia acadêmica abrangente de sua obra. É uma amostra da amplitude de seus compromissos e ideias. Existem lacunas importantes aqui; por exemplo, não estão incluídos seus escritos jornalísticos, nem muitos dos discursos importantes durante seus anos no poder. No entanto, esta obra – que começa em 1949 e termina em 1966 – oferece um panorama do pensamento de libertação nacional de um líder extraordinário.

Santiago, Chile, novembro de 2023

